

► Nunca choraremos bastante nem com pranto
Assaz amargo e forte
Aquele que fundou glória e grandeza
E recebeu vem paga insulto e morte”
(p. 430)

Este infante, um dos da ínclita geração, morto na batalha de Alfarrobeira, tornou-se no período da ditadura um



O que torna excepcional esta poesia é o modo como adquire uma expressão que se vai confirmando na sua originalidade a partir de um diálogo com outros poetas da língua portuguesa

modelo da oposição aos valores que o Estado Novo glorificava. Voltado para a Europa e, ao que parece, opositor da política de conquista ultramarina defendida pelo irmão D. Henrique, foi vítima dessa oposição, e surge como tema de alguns dos nossos poetas desse período, juntamente com outro derrotado, D. António o Prior do Crato, que foi objeto de poemas ou peças de teatro de Jorge de Sena e Manuel Alegre. Será este o lado pessimista de Sophia, motivado pela país em que viveu até ao “dia inicial inteiro e limpo” do 25 de abril (618); e é depois da democracia que ela reata a relação com o Infante e os Navegadores quando lhe é permitida, já sem preconceitos ideológicos, a viagem por esses territórios por eles percorridos, e que vão surgir como um complemento do seu fascínio pelo mar da Grécia e pelas praias do Algarve. **JL**

* Nota: os números referem-se à edição da Obra Poética, Caminho, 2010.

Dançando num trono invisível

Ao falar de Sophia ocorrem-me duas ordens: a dos deuses e a dos homens. Ela participe ambas. De onde o “ph” dela que todos aceitamos. Não só a sabedoria, a totalidade do saber, a claridade, aquela leveza e sentido extremo do espírito cívico e da lealdade.

Vejo a Sophia dançando num trono invisível, acertando sempre quando é preciso acertar e, brincando, dizendo verdades terríveis, com a pontaria cega das crianças e dos loucos. Além disso, cozinha bem, tem umas pernas muito bonitas, faz-me sempre rir. Imagino que se Camões tivesse uma princesa preferida, ela seria a Sophia.

MARGARIDA GIL



OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

Isabel Nery Sophia – a primeira biografia

Em *Sophia de Mello Breyner Andresen*, primeira biografia de Sophia, a autora, Isabel Nery (IN), não cede à eloquência retórica ou romântica nem aos jargões triviais comuns da escrita jornalística. De fundo realista (narra uma vida, não a inventa), dá conta da existência da biografada através de uma escrita límpida, sem exploração de subtis fantasias do que poderia ter sido e não foi, e iluminadora, recorrendo a documentos e testemunhos, esclarecendo-os sem dogmatismo. Trata-se, portanto, de uma escrita não épica (não faz de Sophia uma heroína), mas também não lhe banaliza a existência, singularizando as suas posições, na maioria das vezes através da poesia, sua casa existencial.

Depois – muito importante –, IN, sem enredar a biografada nos pequenos conflitos e intrigas do quotidiano, nunca descendo ao comezinho, acrescenta conhecimento a respeito da vida de Sophia (os filhos naturais do bisavô, a frequência do curso de Filologia Clássica em Lisboa, a existência como opositora do Estado Novo, os sacrifícios económicos, o modo como viveu a madrugada do 25 de Abril, a tensão existente entre a poeta e os deputados da Assembleia Constituinte em 1975, os pormenores do filme de João César Monteiro sobre ela...). Este conhecimento, porém, é sempre elevado ou condicionado pela oficina poética de Sophia e a todo o momento destaca o *quid* que singulariza a sua existência.

O facto, importantíssimo, de no título não destacar a mulher ou a mãe, a opositora, política ou cidadã corresponde, justamente, à expressão de tentar apreender e apresentar Sophia como um todo – e o todo nela sintetiza-se em poesia e cultura. Foi uma escolha justa que corresponde por inteiro ao conteúdo das mais de três centenas de páginas do livro. Assim, esta biografia ora editada é não só a primeira como é igualmente, pela forma da escrita e pelo conhecimento acrescentado, uma excelente biografia. Não hipervaloriza o literário, subestimando ou abafando outras dimensões da existência da biografada, mas concede-lhe, desde a adolescência até à morte, um altíssimo lugar, como se a sua existência dependesse de uma respiração de natureza poética.

Sophia é hoje, para nós, uma espécie de símbolo da poesia ou, no seio da cultura portuguesa do século XX, a poeta por excelência. No seu livro, IN evidencia que sua ação política, o seu estatuto social como mulher, as suas férias no Algarve e as suas viagens, sobretudo à Grécia, o modo como preencheu o seu lugar como deputada à Assembleia Constituinte em 1975/76, o modo até como assumiu o lugar de mãe e de “dona de casa”, todas estas ações e circunstâncias se subordinaram à escrita da poesia ou se constituíram como seu último resultado. Inclusivamente as suas “distrações” relativamente às dificuldades do quotidiano são subsumidas no estatuto de poeta da biografada (a escrita noturna, o auxílio de Luísa, eterna empregada da família...).

Com efeito, o que distingue Sophia da generalidade dos poetas do seu século é, à semelhança de Fernando Pessoa,

o facto de ter criado, para casa da sua poesia, um mundo cultural próprio e uma visão específica do Homem, ambos extremamente singulares na sua génese grega: “Ao esculpir um corpo o artista grego tenta mostrar a relação do homem com a ordem que é a íntima estrutura do *kosmos*, da *physis*, do mundo do qual homem brota e se ergue” (p. 126). Como IN evidencia e prova, Sophia não se limitou a escrever poesia e a publicá-la – o que, devido à altíssima qualidade dos seus versos, lhe abriria, inevitavelmente, as portas da história da literatura portuguesa. Foi mais longe: criou, como cenário apropriado, uma antropologia cultural própria harmoniosa com a sua prática poética. Fernando Pessoa criou, para casa dos seus poemas, a estética originalíssima dos heterónimos; Sophia, a visão do homem e da cultura unidos e centrados numa harmonia entre o Bem ético grego, a

Beleza cristã reveladora da luz e da claridade e a Verdade da palavra, os três animados pela transcendência do Sagrado. Um mundo perfeito, irreal mas eticamente exemplar, que opõe com veemência ao mundo real, necessariamente imperfeito. Opunha um mundo de “inteireza”, de “autenticidade”, ao mundo banal do dia a dia. Como escreveu: “De certa maneira, encontrei na Grécia a minha própria poesia, ‘o primeiro dia inteiro e puro’, encontrei um mundo em que já não ousava acreditar” (apud IN, p. 127).

Desta biografia, fica uma grande interrogação – que, em princípio, nenhum biógrafo hoje pode responder porque só a biografada o poderia fazer. O que levou Sophia, em 1937, a inscrever-se em Filologia Clássica, sete anos antes da publicação do seu primeiro livro e cerca de 25 anos antes da sua primeira viagem à Grécia? Parece que a Grécia e o seu modelo civilizacional estavam no seu destino, como um encontro “fatal” – uma Grécia ideal, a que cruzará um Cristianismo ideal.

Não existem biografias definitivas e cada geração literária constrói ou cria de novo as biografias dos vultos que lhe antecederam. Haverá um dia uma biografia em que a relação com Francisco de Sousa Tavares (FST) e com os filhos de ambos perderá a importância que ainda tem hoje, como hoje não

possui importância significativa a relação de Camões com a sua mãe, de Bocage com a irmã ou de Antero de Quental com a sua família

açoriana e as duas meninas perfillhadas. Mas esse não é ainda o tempo, primeiro porque FST foi um opositor corajoso ao regime do Estado Novo, fazendo com Sophia, na década de 60, um casal eticamente exemplar; segundo, porque estão vivos muitos dos que os conheceram, a começar por filhos e netos, e certamente que terão alguma dificuldade em separar afetivamente a postura política opositora de um e de outro. A verdade é que cada um vale por si e FST não só soube, desde o início da relação, apreciar o valor da poesia de Sophia como, perto da morte, numa espécie de preito de admiração, dedicou-lhe a última crónica. Talvez também ele merecesse o cuidado de uma biografia.

Uma excelente biografia, de certo modo exemplar, esta *Sophia* de Isabel Nery. **JL**



Isabel Nery



O que distingue Sophia da generalidade dos poetas do seu século é, à semelhança de Pessoa, o ter criado, para casa da sua poesia, um mundo cultural próprio e uma visão específica do Homem



► Isabel Nery
**SOPHIA DE MELLO
BREYNER ANDRESEN**
Esfera dos Livros, 336 pp., 22 euros.